



*Arqueologia Científica =
Salvaguarda,
Preservação, Divulgação*



www.cta.ipt.pt

N. 11 // dezembro 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

CONSELHO CIENTÍFICO

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores

Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz	06
ESTRANHA EPÍGRAFE NO CONCELHO DE TABUAÇO	
José d'Encarnação, José Carlos Santos.....	07
PESOS DE TEAR ROMANOS, COM GRAFITOS, PROVENIENTES DE TORRES VEDRAS	
Isabel Luna, José d'Encarnação, Luísa Batalha, Guilherme Cardoso	16
ANÁLISIS POR DIFRACCIÓN DE RAYOS X DE TERRA SIGILLATA PROCEDENTE UN YACIMIENTO URBANO DE VIGO (PONTEVEDRA)	
O. Lantes Suárez, R. M. Rodríguez Martínez, J. M. Vázquez Varela	38
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA MURALHA MEDIEVAL/MODERNA DO CASTELO DE MIRANDA DO DOURO 2018/2019: RESULTADOS FINAIS	
Rui Pinheiro, Pedro Dâmaso	55
UN ARCANGELO COME <i>LIMEN</i> : IL SANTUARIO MICAELICO DEL MONTORFANO TRA STRUTTURA ARCHITETTONICA, RAPPRESENTAZIONE FIGURATIVA E SIMBIOSI DEL SEGNO GRAFFITO	
Gianfranco Massetti, Georgios Dimitriadis, Marise Campos de Souza	96
IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE OLINDA – PE: ASPECTOS HISTÓRICOS, ARTÍSTICOS E CARACTERIZAÇÃO DO MATERIAL CONSTRUTIVO	
Fernando Antônio Guerra de Souza, Henry Socrates Lavalle Sullasi	134
TIJOLOS ARQUEOLÓGICOS AMARELOS INCOMUNS NO BAIRRO DO RECIFE, PERNAMBUCO, BRASIL, SÉC. XVII-XVIII	
Maria Aparecida da Silva Oliveira, Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva, Ana Catarina Peregrino Torres Ramos	154
LA DINÁMICA DE LOS CAMBIOS EN EL CENTRO ALFARERO DE GUNDIVÓS (LUGO, GALICIA, ESPAÑA)	
Alexandre Luis Vázquez-Rodríguez, José Manuel Vázquez Varela	173
ACTUACIONES ARQUEOLÓGICAS EN BIENES CULTURALES DE DAIMIEL (CIUDAD REAL) Y SU PROYECCIÓN PARA LA GESTIÓN DEL PATRIMONIO	
Miguel Torres Mas	188

EDITORIAL

O n.º 11 da “Antrope” apresenta aos investigadores 9 artigos diferenciados, organizados diacronicamente:

1. “*Estranha Epígrafe no Concelho de Tabuaço*”, dedicado à tradução de epígrafe;
2. “*Pesos de Tear Romanos, com Grafitos, provenientes de Torres Vedras*”, dedicado a grafitos existentes em pesos de tear. Ambos se reportam ao período Romano em Portugal.

Da Galiza, o artigo 3. “*Análisis por Difracción de Rayos x de Terra sigillata Procedente un Yacimiento Urbano de Vigo (Pontevedra)*”, apresentam a investigação arqueométrica (difração de raios X da mineralogia), de *Terra sigillata* hispânica e africana cujos resultados permitem concluir a importância do porto de Vigo, enquanto ponto de comércio, entre a Península Ibérica e Marrocos, desde o Alto Império até o final da Antiguidade tardia.

4. “*Intervenção Arqueológica na Muralha Medieval/Moderna do Castelo de Miranda do Douro 2018/2019: resultados finais*”, constitui-se como uma intervenção arqueológica cujo objetivo se reflectiu na requalificação da muralha medieval/moderna do Castelo de Miranda do Douro. De Itália, com base na longa diacronia desde a Pré-História recente até aos séculos XIV e XVI, é-vos apresentado.

5. “*Un Arcangelo come limen: Il Santuario Micaelico del Montorfano tra Struttura Architettonica, Rappresentazione Figurativa e Simbiosi del Segno Graffito*”, um complexo iconográfico do santuário do Monte Sant'Angelo, no Gargano.

6. “*Igreja de Nossa Senhora das Neves do Convento de São Francisco de Olinda – PE: Aspectos Históricos, Artísticos e Caracterização do Material Construtivo*” é um artigo brasileiro, cujo conteúdo trata de um Monumento seiscentista, reconhecido com Património da Humanidade, mais propriamente o Convento de São Francisco e a Igreja de Nossa Senhora das Neves.

7. “*Tijolos Arqueológicos Amarelos incomuns no Bairro do Recife, Pernambuco, Brasil, séc. XVII-XVIII*” é também uma contribuição do Brasil integrado no Programa Monumenta, Recife (2006-2007).

8. “*La Dinámica de los Cambios en el Centro Alfarero de Gundivós (Lugo, Galicia, España)*”, demonstra-nos através da experimentação, como os tradicionais recipientes cerâmicos populares do século XX galegos, reflectiram na sua produção as crises sociais ocorridas em ambiente rural.

9. “*Actuaciones Arqueológicas en Bienes Culturales de Daimiel (Ciudad Real) y su Proyección para la Gestión del Patrimonio*”, destaca a forma como a valorização do Património na aldeia de Daimiel (Castilla-La Mancha/Espanha), realizada através da que a Câmara Municipal de Daimiel, fornece oportunidades sob vários pontos de vista. Os projectos de investigação realizados nos bens arqueológicos de Motilla del Azuer, Venta de Borondo, Puente Viejo e Caleras, são bem disso exemplo a ser seguido em toda a Península Ibérica.

Ana Cruz
Tomar, 16 de Dezembro de 2019

**ESTRANHA EPÍGRAFE
NO CONCELHO DE TABUAÇO**

BIZARRE EPIGRAPH IN TABUAÇO COUNTY

Recebido a 29 de setembro de 2019

Revisto a 16 de outubro de 2019

Aceite a 28 de outubro de 2019

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
jde@fl.uc.pt

José Carlos Santos

Licenciado em Arqueologia
Av. da Liberdade, 34
P – 3620-373 Moimenta da Beira
turirotas@gmail.com

Resumo

A epígrafe gravada sobre uma pretensa sepultura na capela de Santo António, em Arcos (Tabuaço), chegou a ser apresentada como estando redigida em hebraico. O estudo que ora se apresenta mostra que se trata, ao invés, de um bem curioso texto em latim, com erros de compreensão da minuta, em que o suposto defunto recorda ao «amigo» que o leia que é no Além que a Verdade se conhece. Indicam-se textos do século XVII em que surgem expressões idênticas às que na pedra foram lavradas.

Palavras-chave: Inscrição do século XVII; Tabuaço; ascética católica.

Resumé

On présente l'interprétation d'une inscription latine – et non hébraïque, comme on l'avait pensé - où le défunt s'adresse à l'Ami (le lecteur), en lui disant que seulement à l'Au-delà la Vérité en effet se connaît en toute plénitude. Le caractère vraiment érudit et bien original du texte est documenté par d'autres exemples que les auteurs ont trouvés dans des livres du XVII^{ème} siècle.

Mots-clés: Inscription du XVII^{ème} siècle; Tabuaço; ascétique catholique.

Abstract

On this essay is presented the text of a Latin – not Hebraic – inscription of a chapel in Tabuaço, district of Viseu, at the Centre of Portugal. The supposed defunct says to his Friend (the lector!) that only after the dead we can know all the Verity! The erudite character of the text is documented by other texts found in XVII century' books.

Keywords: XVII century's inscription; Tabuaço; catholic asceticism.

Encontra-se no chão da zona central da capela seiscentista de Santo António (Figura 1),



Figura 1. A capela de Santo António. Fonte: JCS

em Arcos, concelho de Tabuaço, frente ao altar, uma placa (Figura 2)



Figura 2. A localização da lápide na capela. Fonte: JCS

com inscrição fora do comum. Refere-se-lhe Gonçalves Monteiro, ao falar da capela:

«No centro existe uma sepultura com tampa artística, em granito, contendo inscrições (em hebraico?)» (p. 371), de que apresenta, na página seguinte, desenho «à mão o mais fielmente possível» (Figura 3).

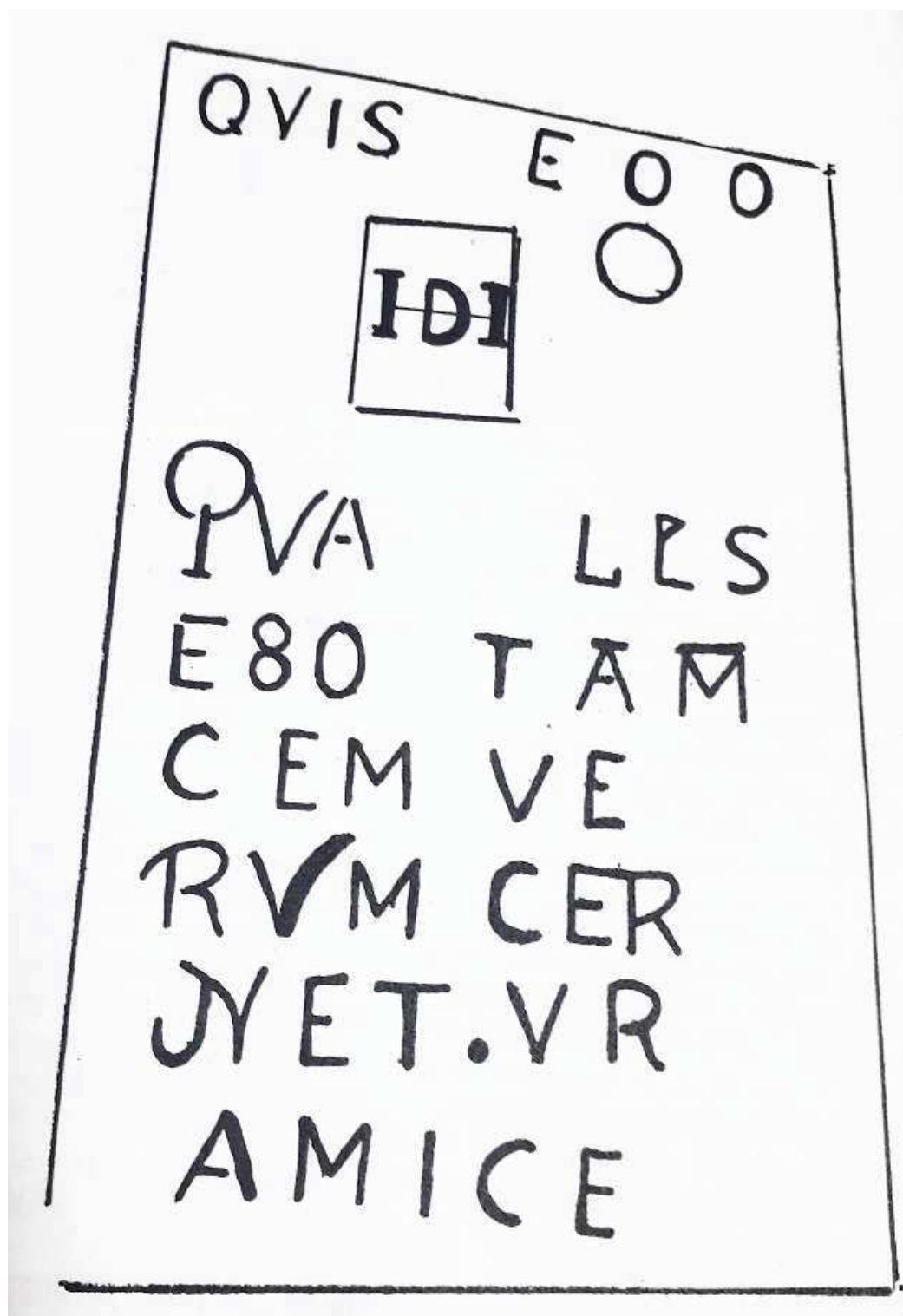


Figura 3. A epígrafe. Fonte: segundo Gonçalves Monteiro

Essa informação acabaria por ser transcrita *ipsis verbis* sempre que vinha ao caso aludir à capela: nessa capela, «existe também uma lápide em granito, com tampa artística com inscrições, talvez em hebraico», por exemplo. O estudo que ora decidimos empreender visa precisamente esclarecer o verdadeiro significado da epígrafe em latim – e não em hebraico – ali gravada.

De granito amarelo, de grão fino/médio, evidencia algum desgaste, o que se considera normal, atendendo a estar sujeita, desde há muito, a sofrer as pisadas dos fiéis, ainda que a sua posição central e destacada incite a algum respeito, mormente por se supor tratar-se de tampa de sepultura.

Dimensões: 200 x 80 cm.

O espaço que contém a inscrição foi rebaixado em relação à moldura do tipo gola directa com filete exterior que o limita. Aliás, a primeira linha do texto foi gravada nessa mesma moldura; antes, porém, da linha 2, está esculpido ao centro, em relevo, um livro aberto (Foto 4), que poderá representar um missal e que tem, do lado esquerdo de quem olha, paralelas e também esculpidas em relevo, duas fitas, em jeito de marcadores de página.



Figura 4. A parte superior da lápide, com o pormenor do livro. Fonte: JCS

No livro foi gravado um signo, simétrico em relação às duas páginas. Parece um H largo dentro do qual se observa um desenho vagamente cordiforme. Aparentemente, será simbólico.

No centro superior direito do campo epigráfico, mesmo junto ao livro, a letra (ou signo?) O, cujo significado desconhecemos, inclusive por se encontrar desgarrado do conjunto. Meramente decorativo poderá ser, mas não garantimos.

O texto lê-se sem dificuldade (Figura 5):



Figura 5. A lápide na sua totalidade. Fonte: JCS

QVIS EOO [sic] / QVALLS [sic] / E8O [sic]: TAN/dEM VE/⁵RVM CER/NETVR / AMICE

Na l. 1, as letras medem 7/8 cm; na l. 2, 10,5/14; na l. 3, 11/12,5; na l. 4, 12,5/13,5; l. 5: 11,5/12,5; l. 6: 11/13; l. 7: 12/13.

Não houve, pois, uniformidade, o que denuncia uma paginação que, se teve preparação prévia, o foi mais à mão levantada do que por obediência a qualquer rigor geométrico. Está ausente a pontuação, embora possamos entender como tal os dois pontos após **8O** na linha 3. O canteiro procurou ocupar o espaço disponível e, apercebendo-se de que não poderia inscrever nele todo o texto, optou por gravar a primeira linha na moldura. Outra razão se não enxerga para a opção. Fica, todavia, por explicar, o referido signo **O** do canto superior direito.

A letra **Q** está grafada como **O** com a cauda a sair de baixo e curvada para a direita; **S** inclinado para a frente e mais curto que os demais caracteres; **A** largo, com travessão e barra horizontal curta sobre o vértice; **d** minúsculo; **M** e **N** de traçado que se diria cursivo, mais significativo no **N**, cuja perna oblíqua começa um tudo-nada atrás do vértice, jeito que, de resto, se verifica igualmente no **A** da última linha, a emprestar algum movimento ao conjunto; **E** muito estreito e de barra intermédia mais curta que as outras duas, pegando, na l. 5, com o **R** que se lhe segue; há ponto sobre a letra **I**.

Estranha-se, na l. 3, o signo marcadamente grafado como o numeral 8, mormente por estar seguido de um **O** ou de um 0, o que daria 80. Esse constitui, em nosso entender, o indício maior de que quem copiou o letreiro não compreendia o que estava a escrever; em segundo lugar, o facto de, na l. 4, o **d** estar em minúscula permite-nos pensar que a minuta poderia ter-lhe sido porventura apresentada em minúsculas. Esta hipótese afigura-se-nos importante e assaz verosímil, porque desta sorte se compreenderiam não apenas esses dois casos como a existência de dois **LL** na palavra **QVALIS** (em nosso entender, assim deve entender-se, o **I** mal interpretado) e a relativa hesitação no desenho da última letra da l. 3, onde os dois traços verticais paralelos devem entender-se como querendo significar **N** para dar a palavra **TANDEM**.

A essa inaptidão do lapicida se poderá também atribuir a já referida inclusão do **O** junto ao vértice superior direito do livro bem como a estilização inserta nas páginas. Poderia o original ter no livro algum anagrama ou motivo simbólico que resultou no que ora se vê, aparentemente sem significado perceptível.

Os casos de explicação mais difícil são **EOO** (l. 1) e **8O** (l. 3). Interpretamo-los à luz do que atrás se disse acerca do saber do lapicida, ou melhor, da sua ignorância em relação à fraseologia latina em que o texto lhe foi transmitido. No primeiro caso, o segundo **O** está a mais, decerto por distração, uma repetição que por vezes ocorre em epigrafia. No segundo, o **8** é má leitura do **g**, patente em minúscula na minuta.

E que poderá ser **EO**? O contexto da sentença permite-nos ver aí uma conotação de movimento. Não a 1ª pessoa do verbo *ire*, mas o advérbio **eo**, que tem, entre outros, o significado de «a esse lugar», «a este estado», «a tal ponto». Mais fácil será, todavia, optar pelo ablativo do pronome demonstrativo *is*, «a este».

Proporíamos, por consequência, a seguinte interpretação, em frase corrida:

Quis eo qualis ego, tandem verum cernetur, amice!

Uma frase em duas partes, como ora se dirá, ficando assim justificada a única pontuação existente. Uma frase deveras sintética – como o são habitualmente as sentenças latinas – passível de traduzir-se assim:

«Quem a este estado como eu, então a verdade será revelada, amigo!».

Ou seja, por outras palavras¹, trata-se de sentença colocada em lugar de relevo na igreja, não necessariamente na campa de alguém, mas num simulacro de campa com livro aberto, como se do livro a frase viesse:

«Quem, como eu, a este estado chegar, então a verdade será revelada, amigo!»

Note-se, desde já, o vocativo final – ó amigo! – como que para exorcizar medos e a envolver a mensagem num halo de alguma esperança, porque a verdade sempre se almeja!

O sentido, porém, ainda é mais profundo: só depois de se passar para o Além se conhece a verdadeira vida, aparências foram o que, na existência terrena, enxergámos...

Chegados a este ponto, a curiosidade aguça-nos: que sentença é esta? Haurida, quiçá, em colectânea de frases célebres e que foi adaptada – ou adoptada – aqui? Eco de passagem bíblica ou de sermão dos doutores da Igreja? Ou, ainda, dado se encontrar numa capela de fundação seiscentista, sendo a epígrafe será dessa época, retratará frase então mais ou menos corrente?

A uma outra conclusão se chegou para já: quem mandou gravar a sentença tinha mui amplos conhecimentos da fraseologia latina, inclusive pelo uso da ‘síncope’ que a l. 1 documenta, como se viu. Prova disso é também o uso do verbo *cernere*, que significa «discernir com o intelecto», isto é, um discernimento profundo, definitivo. Recorde-se a bem conhecida frase de Énio (*Scenica*, 210):

Amicus certus in re incerta cernitur.

«Amigo certo na incerteza se distingue», que é como quem diz: «É a adversidade que nos dá a conhecer o verdadeiro amigo».

De Erasmo de Roterdão (in *Colloquia nunc Emendatiora*, Amesterdão, 1678, p. 525) se conhece uma frase que se adequa perfeitamente ao sentido da epígrafe de Tabuaço:

Verum cernitur oculis animi, quae pars est hominis potior

«Com os olhos do espírito – a melhor parte do homem – é que se distingue a verdade! ».

¹ Onde, instintivamente, ecoará a frase inscrita no ossário da igreja de S. Francisco em Évora, «Nós, ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos», um diálogo entre os de Além e os passantes, como também na época romana era costume nos epitáfios...

Note-se o paralelismo bem patente no uso das duas palavras: *verum* (e não, por exemplo, *veritatem*, “verdade”) para imprimir um significado mais profundo, o que é intimamente verdadeiro; e *cernitur*, forma do verbo cujo sentido forte atrás se assinalou.

E se não lográmos encontrar sentença idêntica, podemos adiantar que também a expressão *qualis ego* encontra bastantes paralelos em textos antigos: nas comédias de Terêncio, nas *Confissões* de S. Agostinho...

Assim, lê-se numa das versões da comédia *Estico*, de Plauto, datada do ano 200 a. C.:

Fuit quondam senex, qualis ego sum: habebat duas filias, quales sunt nunc meae
[...]

«Houve outrora um velho, assim como eu: tinha duas filhas, como são agora as minhas (...)».

Esta, a versão que encontrámos no vol. III do livro *M. Accii Plauti Comoediae*, Londres, 1829, p. 1567 (segundo a edição de J. F. Gronovius).

A dado passo do *Martyrologium Gallicanum*, editado pelo bispo de Toulouse, André du Sausay (Paris, 1637, p. 81), após a palavra ‘pecador’, o autor não hesitou em pôr entre parêntesis (*qualis ego sum maximus*), «de que eu sou um dos maiores».

E não resistimos em dar conta de uma narrativa consignada por Heribertus Rosweydi, no seu livro sobre as vidas dos *patres* (*Vitae Patrum – De vita et Verbis Seniorum...*, 2ª edição, Antuérpia, 1628, nº 65, p. 627).

Apresentaram um possesso pelo demónio a um ancião da Tebaida, a fim de que ele o libertasse. Quando, porém, o ancião intimou o diabo a deixá-lo, o demo ripostou:

– Eu saio, sim; mas, antes, quero que me digas quem são os chibos e quem são os cordeiros.

E o ancião respondeu:

– Chibos são os iguais a mim; quanto aos cordeiros, só Deus sabe quem eles são!

Perante tamanha humildade, num grito o diabo sumiu!

Ora, em latim, a resposta do ancião reza assim:

Hoedi quidem tales qualis ego, agni vero qui sint Deus scit!

Sirvam-nos estes três exemplos para atestar não apenas o teor da epígrafe e o seu profundo significado, mas também para insistir no elevado grau de cultura que o texto documenta.

Embora ‘estranho’ à primeira vista, o texto não é em hebraico, mas detém, como esperamos ter demonstrado, mui significativo alcance histórico-cultural.